

## INTRODUÇÃO

- Problemas de comportamento externalizantes englobam agressividade, impulsividade, problemas de atenção, comportamentos delinquentes, desobediência, reações de raiva e comportamentos disruptivos (Achenbach, 1991). Nas meninas predominam os comportamentos de mentir, negar, fingir, ocultar algo danoso, manter segredos e trapacear, enquanto nos meninos, aparece com mais frequência o xingar, bater e desobedecer (Achenbach, 1991; Capaldi & Patterson, 1991; Snyder et al., 2006).
- Pesquisas têm investigado a importância do vínculo de apego com os cuidadores principais na manifestação destes comportamentos na idade pré-escolar, e tem revelado que padrões de apego inseguro estão associados a um maior risco para comportamentos externalizantes (Fearon et. al, 2010; Dozier, Stovall & Albus, 1999).

## OBJETIVO

Investigar a relação de apego mãe-criança em pré-escolares com problemas de comportamento externalizante, aos dois e aos quatro anos de idade.

## MÉTODO

### Participantes

- **Caso 1:** Mãe com 36 anos, casada, com ensino superior completo; Filho com 4 anos e 3 meses de idade.
- **Caso 2:** Mãe com 43 anos, casada, com ensino superior completo; Filha com 4 anos e 1 mês de idade.
- Integravam projeto maior: *“Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do sexto mês de vida do bebê ao final dos anos pré-escolares”- CRESCI* (Piccinini et al, 2011).
- Os casos selecionados obtiveram 25 pontos no CBCL aos cinco anos de idade, sendo os casos com maior perfil clínico de problemas de externalização do projeto CRESCI.

### Instrumentos:

- *Child Behaviour Check List* (CBCL) (Achenbach, 1991) - aplicado aos 4 anos da criança
- *Attachment Q-Sort* (AQS) (Waters, 1987) - aplicado aos 2 anos da criança
- *Entrevista sobre a relação mãe-criança* (NUDIF, 2011) – aplicado aos 2 e 4 anos da criança

### Delineamento e procedimento:

- Estudo de caso longitudinal que acompanhou as mães e as crianças aos 2 e aos 4 anos.

### Análise dos dados:

- Foi realizada análise de conteúdo qualitativa (Laville & Dionne, 1999) da *Entrevista sobre a relação mãe-criança*, com base em uma estrutura de categorias baseada em dois eixos (Parker, Tupling & Brown, 1979): *Afeto (calor emocional; disponibilidade; sensibilidade; frieza; rejeição)* e *Superproteção (controle; intrusão; encorajamento da autonomia)*.
- O CBCL (perfil não clínico, perfil limítrofe e perfil clínico) e o AQS (padrão de apego de alta segurança, média segurança e baixa segurança), foram analisados conforme especificações dos instrumentos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

- No **Caso 1**, o menino apresentou baixo escore de apego aos 2 anos (AQS=0,20).

Na análise da entrevista aos dois e quatro anos de idade da criança, constatou-se que na relação mãe-criança esteve presente o excessivo *encorajamento da autonomia*, ou seja, a mãe deixar o filho fazer o que quiser de modo a não contribuir para a construção de limites internos e externos do filho:

*“Nem sempre eu consigo botar um limite, eu to tentando fazer isso cada vez mais assim já que ele entrou nessa idade mais difícil, mas é complicado até porque eu quero propiciar isso de aprendizagem, eu tenho que saber até aonde também deixar ele ir” (2 anos)*  
*“Muitas vezes ele me chama e eu vou lá na cama com ele, às vezes passo a noite com ele, não tem muito essa coisa de não pode, não posso.” (4 anos)*

Também esteve presente a *intrusão*, ou seja, a sensação da mãe que o filho não estaria bem se ela não estivesse por perto, de modo a propiciar atitudes maternas intrusivas. Estas pareceram estar relacionadas aos sentimentos de insegurança da mãe, a qual necessitava reafirmar constantemente o vínculo com filho. Tais características também auxiliaram na compreensão das dificuldades da mãe de ajudar na construção de limites internos do filho:

*“Eu queria poder ser menos controladora pra ficar menos ansiosa... porque daí tu quer controlar e tu não tá lá junto com ele” (2 anos)*  
*“Eu acho que eu devia esperar mais pra ver se ele aprende a se acalmar sozinho” (2 anos)*  
*“Acho que eu sou muito controladora, superprotetora, e também sou muito estressada” (4 anos)*

Pode-se pensar que as características da relação mãe-filho, permeadas pela insegurança materna, pela *intrusividade* e o excessivo *encorajamento da autonomia* podiam estar associadas à presença de um vínculo menos seguro e à manifestação dos comportamentos de externalização (Roskman et. al, 2011).

- No **Caso 2**, a menina também apresentou baixo escore de apego (AQS=0,30).

A análise da entrevista aos dois e quatro anos revelou presença de *frieza* e *rejeição*, especialmente pela mãe se sentir emocionalmente distante da filha:

*“De repente eu poderia brincar mais com ela, interagir, não ficar só observando ela. Tem vezes que eu tô cansada, eu não vou mentir, tem vezes que dá vontade de sair correndo” (2 anos)*  
*“Não tenho paciência pra ficar brincando” (4 anos)*

Na análise da entrevista a categoria *controle* também esteve presente:

*“Eu tento me controlar pra não virar um general dentro de casa” (2 anos)*  
*“Eu acho que eu sou muito superprotetora, e daí eu acho que algumas vezes eu até sufoco, eu fico sempre em cima” (4 anos)*

É plausível supor que a relação mãe-filha permeadas pela *frieza* e *rejeição*, bem como pelo *controle*, poderiam estar associados à presença de um apego menos seguro (Bowlby, 1989), bem como pelos comportamentos externalizantes (Roskman et. al, 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

- As evidências dos dois casos apoiam a literatura e apontam para uma associação entre o apego menos seguro mãe-criança e a manifestação de problemas de comportamento externalizantes em crianças pré-escolares.
- A teoria do apego proporciona um interessante aporte para se pensar sobre comportamentos externalizantes na infância e para se entender os mecanismos pelos quais o vínculo de apego inseguro pode estar relacionado às manifestações de comportamentos externalizantes. (Roskman et al., 2011)